

Chlamydosauro de King

O reptil assim chamado pertence á familia dos lagartos, constituindo uma especie proxima da dos dragões. Tira o seu nome de duas palavras gregas que designam a particularidade da organisação que o distingue de todas as mais especies de lagartos.

Chlamus, que significa manto, e *sauros*, que quer dizer lagarto, são essas duas palavras com que a sciencia designou o reptil que a natureza enfeitou com uma como gargantilha de folhos em torno do pescoço. É formado este singular adorno de duas membranas semi-circulares, na base apanhadas em grandes pregas, e em toda ou quasi toda a circunferencia guarnecidas como de franjas, ou diremos antes, para que a similhança seja maior, como de dentes de uma serra. Unidas ao pescoço, logo por detraz das orelhas, levantam-se aquellas membranas e abrem-se á maneira de leques, occultando inteiramente o corpo do animal a quem o vê de frente. Ambas estas membranas são totalmente cobertas de escamas eguaes ás que lhe vestem o corpo.

Não se sabe com certeza o uso que o reptil faz d'estes notaveis appendices. Presume-se, porém, que lhe servem de guarda-quédas nos pulos que dá de uma para outra arvore.

Na fórma do corpo pouco differe dos lagartos em geral. Tem a cabeça pyramidal, quadrangular e com o focinho ponteagudo; a boca grande e os dentes pequenos, mas numerosos. O tronco do corpo é grosso e comprido. As pernas são muito compridas; os pés bastantemente desenvolvidos e os dedos delgados, compridos, simples e deseguaes. A cauda regula pelo dobro do comprimento do corpo, e é redonda, muito grossa na sua origem e excessivamente delgada para a extremidade

A côr do animal é uma mistura de pardo e amarello, com listas e manchas das mesmas côres, porém

mais escuras: as listas são no corpo e cauda, ora direitas e transversaes, ora similhando caracteres gothicos; e as manchas nas duas membranas que lhe circundam o pescoço. Desde o focinho até á extremidade da cauda tem um metro de comprimento.

Este reptil, denominado na linguagem scientifica *Chlamydosaurus Kingii*, é natural da Nova Hollanda. Vive nos logares povoados de arvoredo, pois que é nas arvores que procura mais communmente o seu sustento, o qual consiste em todo o genero de insectos, em que muito abundam os bosques d'aquella região.

O excessivo comprimento das pernas, das patas e dedos, e a fortaleza e recurvado das unhas, dão ao chlamydosauro mui grande agilidade na corrida, na subida pelos troncos das arvores, nos saltos de ramo para ramo, e, em fim, em todos e quaesquer movimentos que lhe apraz fazer. I. DE VILHENA BARBOSA.

DA INICIATIVA LITTERARIA DOS PORTUGUEZES NA PENINSULA HISPANICA

(Vid. pag. 315)

IV

A TRAGEDIA CLASSICA

Voltavam-se por esse tempo todas as attenções da Europa illustrada para a litteratura grega e romana, e a descoberta dos velhos manuscriptos, occupação predilecta dos grandes homens da edade média na Italia, taes como Petrarcha e Boccace, tomava um desenvolvimento prodigioso. A familia reinante de Florença dispendia sommas enormes para de todos os lados obter as obras notaveis dos escriptores da antiguidade. Lourenço de Médicis fazia revolver os archivos dos mosteiros, esquadrinhar as bibliothecas byzantinas para colleccionar manuscriptos, e a cada instante lhe chegavam do archipelago navios carregados de thesouros para elle mais preciosos do que todas as especiarias das Molucas, todas as perolas de Ceylão, todos os diamantes de Golconda. Esses thesouros eram os que formavam o esplendido peculio litterario da antiguidade pagã, eram os poemas de Homero, as tragedias de Euripedes, os dialogos philosophicos de Platão. João de Médicis, subindo ao solio pontificio com o nome de Leão X, aproveitava a sua auctoridade de chefe da egreja para reclamar dos mosteiros os velhos codices, onde a ignorancia fradesca apagára os esplendores litterarios da antiguidade, para os substituir pelas puerilidades escholasticas ou pelas parvoiçadas milagreiras. Os sabios, expulsos de Byzancio pelo alfange de Mahomet, ensinavam o formoso idioma grego em aulas atulhadas do que havia mais nobre e mais distincto na Italia. A admiração, consagrada á antiguidade, transformára-se em fanatismo. Um sabio romano substituia o seu verdadeiro nome por um nome antigo, chamava-se Pomponio Lœto, e explorava o solo sagrado de Roma para descobrir no pó dos monumentos arrasados as parcellas de oiro puro dos Ciceros e dos Ovidios. A litteratura abandonava completamente as feições nacionaes para revestir os trajos pagãos; o proprio christianismo, embalado por estas languidas melodias do paganismo, ia resvalando dos braços purissimos da Virgem Maria no seio lascivo e fremente da Venus Aphrodita, e era necessario que a voz tremenda de Luthero o viesse despertar de subito, e mostrar-lhe o voluptuoso triclinio em que se fôra deixando adormentar.

Da Italia partíra esse grande movimento, e á Italia pertence incontestavelmente a iniciativa n'essas formosas mascaradas litterarias. Ainda que muitos escriptores queiram suppor que a tragedia *Castro*, de Ferreira, é anterior á *Sophonisba*, de Trissino, ou pelo menos contemporanea, devemos dizer que uma tal asserção é completamente destituida de fundamento. A *Sophonisba*, de Trissino, foi escripta em 1515; é possivel, comtudo, ainda que duvidoso, que Ferreira não tivesse conhecimento d'ella, porque só muitos annos depois de ser composta é que a tragedia italiana foi impressa. Mas o que é certo e incontestavel é que a tragedia *Castro*, de Ferreira, foi a primeira que appareceu em Hespanha.

Ha, na verdade, um escriptor hespanhol chamado Vasco Dias Tanco, natural de Fregenal, de quem se diz que escreveu tres tragedias biblicas, intituladas *Absalon*, *Aman* e *Jonatas;* mas essas tragedias perderam-se completamente, não resta d'ellas o minimo vestigio, e o sabio e consciencioso Moratin, nas suas *Origenes del teatro español*, assevera que nenhum escriptor contemporaneo dá noticia de similhantes obras theatraes, a não ser o proprio auctor que, n'um livro intitulado *Jardin del alma cristiana*, diz que, na sua mocidade, escreveu as tres mencionadas tragedias. Não é natural que elle inventasse similhante facto, mas é muito possivel que essas composições lhe ficassem na gaveta, como tantas producções informes da juventude, que o homem, na edade madura, relê com um sorriso, e que despiedosamente condemna ao olvido.

A primeira tragedia, pois, de que temos conhecimento na Peninsula Hispanica é a *Castro* de Ferreira. Mas tambem d'esta obra nos quizeram defraudar os nossos visinhos, como do *Amadis de Gaula*. O dominicano gallego Bermudez publicou uma traducção da *Castro;* não citou o original portuguez, e a sua tragedia, com o titulo transformado no de *Nise lastimosa*, é apresentada por muitos escriptores hespanhoes, e entre outros pelo sabio D. Alberto Lista, como a primeira tragedia classica da Peninsula.

Felizmente, mesmo na Hespanha, um escriptor consciencioso e eruditissimo, Martinez de la Rosa, arrancou as pennas á gralha e denunciou o roubo. O facto está demonstrado pelas datas, sem mesmo se recorrer a outras inducções. A *Nise lastimosa* foi impressa em Madrid em 1577, constando, porém, que estava composta havia dois annos, isto é, desde 1575. Ora Antonio Ferreira morreu em 1569, e a não ser que saísse do tumulo de proposito para roubar a obra do monge gallego, é facil de ver qual dos dois foi o ladrão.

O digno Costa e Silva n'esta questão, como em todas em que entra, mostra a sua habitual perspicacia. Declara que, por ser portuguez, acceita a sentença de Martinez de la Rosa, de fórma que, se alguem se lembrasse de dizer que a *Iliada* ou a *Eneida* fôra escripta por Camões, o bom do Costa Silva, por ser portuguez, bradava logo: «É verdade.» Mas, accrescenta por descargo de consciencia, occorrem-me duas dúvidas: A primeira é que, sendo muitos coros da *Castro* em versos saphicos, nenhuns outros do mesmo genero se encontram nas suas obras, ao passo que Bermudez tambem os tem n'uma segunda tragedia, verdadeiramente sua, que escreveu depois da *Nise lastimosa*, e que intitulou *Nise laureada*, cujo assumpto é a coroação posthuma de Ignez de Castro. A resposta é facil. O verso saphico, incontestavelmente o mais lyrico de todos os hendecasyllabos, era julgado o mais proprio para os coros das tragedias, onde, segundo o costume grego, se lançava o lyrismo em torrentes. Bermudez escreveu nova tragedia, empregou-os tambem nos seus coros: Ferreira nenhuma outra escreveu, nunca mais os empregou.

A segunda dúvida do bom Costa Silva era mais grave, se tivesse fundamento. A *Nise laureada*, apesar de ser inferior á *Nise lastimosa*, tem versos da mesma força que os da primeira tragedia, e muita similhança de estilo, e até de modo de pensar. Este

Costa e Silva foi o mesmo que attribuiu a Antonio de Castilho, contemporaneo de Ferreira, o *Auto da boa estreia*, escripto pelo nosso grande poeta Antonio Feliciano de Castilho, e que figura no magnifico drama *Camões*. Já vêem, pois, que optimo contraste de estilos não era o auctor do *Ensaio biographico-critico!*

Procuremos outra auctoridade mais competente; vamos procural-a a Hespanha, e seja ella a de um escriptor que mostra nem sequer ter conhecimento da *Castro* de Ferreira, e que, por conseguinte, suppõe que ninguem disputa a Bermudez o titulo de auctor original da *Nise lastimosa*. Seja este escriptor D. Alberto Lista. Veja-se as suas *Lecciones de literatura española, esplicadas en el Ateneo cientifico, literario y artistico*, tomo I, pag. 188.

«*La Nise laureada*, diz elle depois de ter elogiado a *Nise lastimosa*, e de a ter apresentado como a primeira tragedia classica da Hespanha, *es muy inferior. En ella el rey que ya es D. Pedro, da en la cara con el latigo de montar á los asasinos de Inés. Uno de los personages tragicos que se introducen, es el verdugo que se chancea cruelmente com Coello y Pacheco, a quienes se les sacan los corazones en la misma escena, al uno por las espaldas y al otro por el pecho. Esta pieza es un delirio de atrocidad, sin mas merito que de algunos versos medianos de cuando en cuando*[1].»

Bem vêem que esta mania dos plagiarios de quererem continuar as obras que empalmam foi sempre a orelha asinina apparecendo por baixo da pelle do leão. A historia de Esplandian, filho do *Amadis de Gaula*, veiu transtornar os planos do traductor Montalvo. A *Nise laureada* murchou tambem os emprestados loiros do dominicano Bermudez.

Já não fallâmos no facto de ser portuguez o assumpto, de ser impossivel que tendo estado, como esteve, Bermudez em Portugal, e conservando provavelmente relações com este reino, não protestasse contra o roubo, e esperasse pela morte de Ferreira não já para imprimir, mas para dar aos seus amigos conhecimento da sua obra, o que só fez em 1575, dando-a á impressão em 1577. Tudo isto são circunstancias que tornam evidente o roubo denunciado por Martinez de la Rosa, e que deveriam ter dissipado as dúvidas de Costa e Silva.

Em quanto, pois, a comedia moderna recebia de Gil Vicente um impulso tão vigoroso, inaugurava Ferreira a tragedia vasada nos moldes gregos. Mas essas nossas conquistas litterarias, da mesma fórma que as nossas conquistas ultramarinas, foram em breve a preza dos estrangeiros, que, entrando no esplendido templo, neophitos sublimes mas ingratos, apagaram do frontal o nome do iniciador. Era um insulto á desgraça; o leão moribundo, sem dentes e sem garras, não merecia que lhe arrancassem tambem a juba ardente, que inundava de relampagos a Europa quando a sacudia n'um impeto de enthusiasmo.

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

DA CURIOSIDADE

A curiosidade é um desejo excessivo de saber ou de conhecer. Como todas as paixões, tem vantagens e inconvenientes.

Devemos á curiosidade uma parte dos grandes descobrimentos. As sciencias devem egualmente ser-lhe tão reconhecidas como ao acaso.

A muitos homens animosos tem, porém, prestado maus serviços. E ao seio de innumeras familias tem levado os maiores dissabores e as mais crueis angustias.

Applicada á indagação do bello e do bom, a curiosidade é virtude. Se se exercer unicamente sobre objectos futeis, é erro, e poderá desculpar-se; se se praticar com intuito damnoso, é vicio, e deverá condemnar-se.

Acreditando-se alguns moralistas, a curiosidade impera mais nas mulheres, e não é por certo a que nós considerâmos virtude. Como a recebemos mais ou menos de nossas mães, parece-nos que se póde dizer outro tanto da curiosidade que afflige a maior parte dos homens. Esta paixão, incitada pela ociosidade, é egualmente commum aos dois sexos.

Onde se dá um facto, que chama a attenção dos curiosos, os homens estarão porventura alli em menor numero que as mulheres? Julgando por esta observação, os homens não ganhariam de certo no processo. Não haveria factos concludentes contra elles na historia, se se quizesse alardear erudição?

Na historia não faltam testimunhos contra as mulheres, e ha-os até que affligem, como a triste aventura de Edith, esposa de Loth, e a das sete mulheres de *Barba-Azul*. Serão acaso estes factos tão concludentes como se pensa?

Edith foi, como é sabido, transformada em estatua de sal, em castigo da sua curiosidade. Mas para que d'esta historia, sem dúvida verdadeira, se podesse tirar a necessaria illação, seria mister que os dois sexos figurassem alli em numero egual, e que a prova a que foram submettidas tres mulheres, e na qual so uma succumbiu, fosse concorrentemente experimentada por tres homens. Ora é publico que, na referida aventura, o bom do Loth era o unico do seu sexo.

Quanto á historia das sete mulheres de *Barba-Azul*, todas sete victimas da sua curiosidade, declarâmos que não deixaria de embaraçar-nos se se encontrasse, como a antecedente, em um livro canonico.

Qualquer que seja a proporção em que se divida a curiosidade entre os dois sexos, considere-se commum na terra e conte-se que muitas especulações vingarão, porque só com ella se attrahiu o vulgo. Assim se explica a voga de muitas novellas e de certas historias que principalmente se referem aos successos e aos homens contemporaneos; e como a curiosidade mais ávida d'esta especie de obras não é das mais innocentes, segue-se que a voga de taes obras augmenta na razão do numero e da importancia dos personagens que n'ellas figuram, como na razão do escandalo das scenas que representam.

Nada ha mais proprio para excitar esta curiosidade que as memorias particulares; e nada ha mais proprio para satisfazer a sua malignidade que as confissões do homem ou mulher da moda. Quanto mais elevada for a sociedade em que viveram, tanto maior valor terão as suas revelações.

A classe inferior, tanto mais numerosa quanto o heroe pertence á mais alta, fica satisfeita quando encontra na outra classe as suas proprias fraquezas e os seus proprios ridiculos; e, se descobre vicios, e principalmente infamias, que não póde commetter pela mediocridade da condição, o seu contentamento sobe de ponto. Vê que então chegou a opportunidade de desprezar os que tinha invejado.

Se o respeito devido aos contemporaneos não permitte ao homem cortez divulgar a historia de suas aventuras, quando é porventura a de seus defeitos e erros; se a delicadeza póde fazer-nos hesitar se devemos ou não publicar certos factos veridicos que lhes respeitam, tambem deve prohibir-nos com sobeja razão diffamal-os por meio de calumnias.

No principio d'este seculo, houve em França um

[1] Compare-se este façanhudo melodrama, tal como Alberto Lista nol-o descreve, com a tragedia singela, pura e verdadeiramente grega de Ferreira! Diante d'estas dessimilhanças de concepção cairiam todas as razões fundadas no estilo e na metrificação, se existissem. Porque a linguagem e o metro são tão opulentos e do mesmo modo opulentos na traducção da *Arte de amar* e no *Amor e melancolia*, segue-se que fosse Ovidio plagiario do sr. Castilho?

homem de primeira plana que se lembrou de propor uma lei contra a curiosidade. O intuito era bom, porém os meios propostos não se podiam acceitar por serem contradictorios. Queria elle, com razão, que se afastassem da curiosidade publica certos escriptos ou memorias escandalosas, que vexam os individuos e as familias, mas ao mesmo tempo não consentia que se discutissem os actos dos homens publicos, e tornava estes privilegiados.

Se pretendiam, como era justo, destruir as publicações que por nenhum principio moral se podem tolerar nem applaudir, e que excitam vivamente a curiosidade, deviam proceder de outro modo. A calumnia deve, sem dúvida, proscrever-se como arma vilissima; porém, cohibir que se discutam com serenidade os actos dos homens publicos, é simplesmente absurdo.

Em a *Nova Floresta*, de Bernardes, encontra-se a seguinte anecdota, que é uma lição para os curiosos:

«Estava Santo Efrem n'uma pousada, cozinhando pobres viandas: e logo uma mulher, que morava na visinhança, metteu os olhos pela janellinha, que lhe ficava fronteira e pouco distante, e lhe perguntou por graça se lhe faltava alguma coisa.

—«Sim, falta, respondeu o santo, tres ladrilhos e um pouco de lodo para entaipar essa janella.»

Assim que se entaipasse a janellinha acabar-se-hia a curiosidade d'aquella mulher.

VILLA DE ALCOCHETE

Está edificada esta villa em uma planicie, na margem esquerda do Tejo, no sitio em que este rio é mais largo, pois que d'alli ao Poço do Bispo, que fica na margem direita, exactamente defronte, contam-se 15 kilometros.

Não temos encontrado noticia alguma sobre a fundação d'esta terra. Mas da sua antiguidade dá testimunho o seu proprio nome, porque as duas primeiras letras d'elle revelam a sua origem arabe.

Se com effeito existiu sob o dominio dos sarracenos, d'esta mesma falta de noticias se póde inferir que n'essa epocha, e ainda durante os primeiros reinados dos nossos monarchas, seria uma povoação insignificante, alguma aldeia de pescadores, provavelmente.

Proseguindo nas nossas conjecturas, na carencia de documentos ou dados positivos, diremos que suppomos que principiou a ter alguma importancia nos começos da segunda metade do seculo XV, em razão das visitas e residencia temporaria que ahi faziam os infantes D. Fernando, duque de Vizeu, irmão del-rei D. Affonso V, e D. Brites, sua esposa, filha do infante D. João e neta del-rei D. João I.

Alcochete pertencia então á ordem de cavallaria de S. Thiago, da qual foi 12.º mestre o dito infante D. Fernando. Este principe foi-se affeiçoando ao sitio de maneira que ahi chegou a passar algumas temporadas. Em uma d'essas occasiões a infanta D. Brites, sua esposa, deu á luz, no dia 31 de maio de 1469, um filho, que recebeu o nome de Manuel, e que, sendo o sexto fructo d'aquelle consorcio, veiu a succeder nos grandes estados da casa de seu pae em 23 de agosto de 1484, por morte de seu irmão, D. Diogo, duque de Vizeu, e na coroa d'este reino em 25 de outubro de 1495, pelo fallecimento del-rei D. João II, seu primo.

Os avultados rendimentos de que dispunha o infante D. Fernando; o fasto e grandeza com que vivia, relativamente aos costumes do tempo; e, além d'isso, a circunstancia de remunerar os serviços pessoaes que os fidalgos lhe prestavam com rendosas commendas das duas ordens de cavallaria que administrava, o que attrahia em volta d'este principe crescido numero de illustres servidores; tudo isto dava á sua casa o aspecto da côrte de um soberano.

Não se presuma, porém, em vista do que dizemos, que o paço do infante em Alcochete era uma residencia vasta e magnifica. Era, pelo contrario, uma casa pequena e de modesta apparencia. Já temos referido em outras occasiões, e repetiremos de novo, que a singeleza dos costumes ainda não permittia n'aquella epocha as vaidosas ostentações do luxo dentro das habitações. Nos prestitos de gala e nas grandes ceremonias publicas é que os nossos reis e principes empregavam todo o apparato da realeza. Algumas vezes se tinham celebrado nas salas dos seus paços, por motivos de regios consorcios, funcções verdadeiramente sumptuosas, em que se viam pompas e riquezas adequadas ao esplendor do throno. Porém, acabadas essas festas, desarmavam-se as salas, guardavam-se as tapeçarias, baixellas e mais alfaias, e tudo voltava, paços e pessoas, ao seu estado anterior, que mais symbolisava a frugalidade e a modestia, que o luxo e apparato.

Portanto, da pequenez da habitação do infante D. Fernando e da accumulação de fidalgos, que disputavam a honra e os proventos de o servirem, resultou naturalmente o augmento da terra, que foi crescendo em edificios, nobilitando-se ao mesmo tempo com a assistencia de familias nobres que ahi se estabeleceram.

Não ficou privada Alcochete da presença de hospedes reaes depois que a morte arrebatou o infante D. Fernando na villa, hoje cidade, de Setubal, contando apenas 36 annos. A infanta D. Brites, buscando mitigar as suas saudades com tudo quanto podia avivar-lhe as recordações do esposo que tanto amára, continuou a frequentar os seus paços de Alcochete, onde por vezes hospedou a rainha D. Leonor, sua filha, e el-rei D. João II, seu sobrinho e genro.

Em uma d'essas visitas que el-rei D. João II fez á infanta D. Brites, succedeu um caso, que poz á prova a intrepidez e cavalheirismo d'este soberano.

Era um dia de festa na villa, e havia corrida de toiros no grande terreiro que se estende por diante da egreja matriz. Chegada a hora de se principiar a funcção, saíram el-rei e a rainha a pé dos paços da infanta, acompanhados de numeroso sequito de damas e fidalgos da sua corte, dirigindo-se todos para a tribuna real, que fôra armada na praça. Porém, quando iam quasi a entrar n'aquelle terreiro, viram-se de improviso envolvidos por grande tropel de povo, que vinha correndo desordenadamente diante de um toiro, que acabava de fugir do curro. A multidão passou rapidamente, como uma onda impellida pelo vendaval; e as damas e cavalleiros da real comitiva, tomados de egual terror, sómente pensaram em buscar a salvação na fuga, voltando costas ao perigo, mettendo-se por todas as travéssas e entrando nas portas que encontravam abertas.

Tudo isto se passou n'um relancear d'olhos, de modo que el-rei apenas soube o que motivára o borborinho quando se viu só com sua esposa em frente do toiro, que vinha correndo. O soberano, sem proferir uma unica palavra, e egualando o improviso do successo com a rapidez da acção, puxa da espada, lança a capa sobre o braço esquerdo, colloca-se diante da rainha e toma uma posição defensiva, esperando o toiro resolutamente. O animal, talvez por se acobardar perante aquella coragem e impavidez, que bem se revelaria no olhar e no gesto do monarcha, ou porque outro alvo lhe attrahisse a attenção, passou de largo, sem contender com el-rei.

D. João II teve um verdadeiro triumpho sem dar combate; mas imagine-se quão envergonhados e confusos voltariam os fidalgos para junto dos soberanos, que assim tinham desamparado no meio do perigo.

Foi curto o governo d'este rei, ao qual a historia concedeu, com muita justiça, o honroso epitheto de *principe perfeito*. O paiz perdeu com a sua morte um reformador esclarecido e audacioso, e o povo perdeu um amigo, um defensor estrenuo contra as prepotencias da aristocracia.

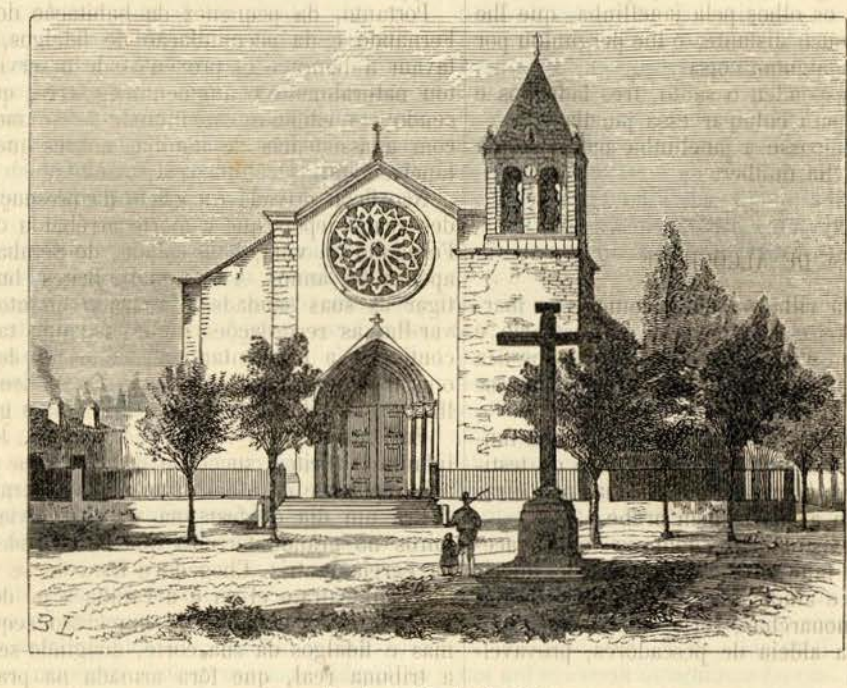
Porém a Providencia, como em compensação do que roubára á nação na pessoa do soberano, permittiu que tantas prosperidades viessem ao reino sob o governo do seu successor, que a este quadrasse e pela mesma historia fosse accrescentado ao seu nome de *Manuel* o titulo invejavel de *afortunado*.

Lucrou bastante Alcochete com a ascensão de um filho seu ao throno de Portugal. El-rei D. Manuel favoreceu singularmente a terra onde teve o berço. Além de differentes obras de melhoramento da villa a que mandou proceder, reconstruiu a egreja matriz, deixando-a de maneira que não desdiz da conhecida munificencia do novo fundador.

Continuando a ir a Alcochete, depois de rei, para visitar a infanta D. Brites, sua mãe, que até á sua morte, succedida em 1505, não deixava correr anno algum sem alli ir passar um ou mais mezes, el-rei D. Manuel fazia commemoradas essas visitas com larga distribuição de esmolas pela pobreza, e com outros actos da liberalidade régia, que chegavam até ás familias abastadas.

Porém no que mais patenteou a predilecção que tinha por esta villa, e o muito que desejava honral-a e augmental-a, foi com o foral que lhe concedeu no anno de 1518, e não no de 1515, como refere o auctor da *Corographia portugueza*. Continha tantos e taes privilegios e isenções, que poucas terras do reino, das que lograram maiores favores da realeza, os possuiram tão grandes. Entre esses privilegios contava-se o que isentava de tributos todos os fructos que a terra produzisse.

Quem apreciar devidamente a liberdade da terra,



Egreja matriz de Alcochete

poderá ajuizar da benefica influencia que similhante concessão exerceria no desenvolvimento da riqueza publica. Mas como não ha fortuna estavel, quer nos homens, quer nas povoações, a de Alcochete tambem variou de face.

Com a morte da infanta D. Brites deixou a villa de ter paços reaes, porque esta princeza dispoz d'elles em beneficio de um seu servidor. O fallecimento del-rei D. Manuel, em 1521, privou-a de um patrono dedicado. E o tempo, juntamente com os desastres e infortunios que sobrevieram á monarchia, pozeram-lhe os privilegios no esquecimento, sujeitando os moradores a todos os cargos da nação.

Assim acabaram os fastos brilhantes de Alcochete, restando apenas d'elles algumas memorias escriptas, e por unicos monumentos a egreja matriz e as ruinas dos antigos paços reaes, que ainda se vêem na *rua direita*.

Entrando, pois, nas condições geraes e economicas do paiz, tem seguido esta villa a sorte d'elle, ora prospera, ora decadente. Todavia, apesar d'essas alternativas, tem tido algum desenvolvimento n'estes ultimos cento e cincoenta annos, por quanto em 1712 contava apenas 400 fogos, e hoje possue perto de 700, com uma população proximamente de 2:300 almas.

Acha-se a villa de Alcochete sentada tão á beira do Tejo, que aos seus habitantes tem sido necessario oppor barreiras ás invasões do rio e das suas areias.

A egreja matriz é dedicada a *S. João Baptista*, e está situada em um vasto terreiro que se estende em uma extremidade da villa. O portal, formado de esbeltas columnas com brincados capiteis e outros ornamentos, e o grande oculo ou espelho que lhe fica por cima, todo de pedra vasada como se fôra renda, e lavrada em graciosas e variadas esculpturas, logo denunciam a mão do soberano a cujo aceno resurgiu o templo. É este de tres naves, com oito altares, além do maior, guarnecidos de excellente obra de talha doirada. Em um dos altares do corpo da egreja venera-se uma imagem de Nossa Senhora, que excede na estatura o vulto humano, que, diz a tradição, fôra achada nas praias da villa, d'onde a trouxe o povo em procissão para esta egreja.

Esta parochia, a *casa da misericordia* e a *ermida de Nossa Senhora da Vida*, são os unicos edificios religiosos. Fóra estes nenhuns ha, publicos ou particulares, que mereçam ser mencionados.

A pouco mais de um kilometro da villa existiu um convento de frades franciscanos, da invocação de *Nossa Senhora do Soccorro*, fundado em 1572 por

fr. Gaspar de Cuba, vendido depois da extincção das ordens religiosas, e em seguida demolido.

A villa de Alcochete pertence ao districto administrativo de Lisboa. Não obstante estar edificada em planicie, desfructa-se da maior parte das suas casas o magestoso panorama do Tejo, de Lisboa, de muitas villas e logares de ambas as margens do rio, e de longinquas serranias.

O concelho, cuja população é de 3:813 almas, produz trigo, milho, centeio, cevada, feijão, fava, arroz, batatas, sal, diversas frutas e hortaliças, e vinho. Exporta arroz, cevada, batatas, laranjas, limões e sal.

I. DE VILHENA BARBOSA.

LEMBRANÇA DO REI CARLOS ALBERTO

A poucos kilometros de Niza, não longe da estrada de Corniche, no centro dos Alpes e em logar agreste, povoado de arvores seculares, encontra-se um antigo mosteiro.

É conhecido este mosteiro nas povoações da Liguria e do Piemonte sob o nome de sanctuario de Lughet. Pertence hoje á circumscripção dos Alpes maritimos.

Occorreu alli em 1849 a scena que vamos referir.

Por fins de março d'aquelle anno, e no dia seguinte ao da batalha de Novara, da qual resultou a abdicação de Carlos Alberto em seu filho Victor Manuel, actual rei de Italia, uma carruagem de posta desceu rapidamente pela estrada que leva ao sanctuario e parou á porta.

Chamado o superior por um viajante que parecia guardar o mais rigoroso incognito, deu ordem para que se abrissem immediatamente as portas do convento. O viajante entrou no templo, ajoelhou junto do confessionario e pouco depois commungou. Principiava a amanhecer. Em seguida celebrou-se a missa das almas. O personagem mysterioso ouviu-a com devoção, e findo o acto religioso voltou para a carruagem de posta, que seguiu velozmente pela estrada de Niza.

O viajante era Carlos Alberto, ex-rei do Piemonte, que, vencido, fugitivo, e cedendo á força das armas, deixava para sempre a patria querida para encontrar abrigo seguro em Portugal.

A lembrança d'este acontecimento ficou em um monumento mui singelo. No pateo do convento, debaixo de um olmo que se plantou no dia da fundação do sanctuario, ergueu-se uma especie de pedestal de marmore branco. Em um de seus angulos se gravou a noticia da visita do rei Carlos Alberto áquelle convento, e nos outros os nomes dos membros da commissão encarregada de erigir esta memoria.

OS KIRGHIZ

SEUS COSTUMES E SUPERSTIÇÕES; ASPECTO DO PAIZ QUE HABITAM; AS CURIOSIDADES NATURAES DANDO ORIGEM E ASSUMPTO ÁS LENDAS POPULARES.

O paiz denominado *Turkestan*, depois que os turcos o submetteram definitivamente ao seu dominio, é uma vasta região no centro da Asia, que se estende desde a cordilheira Belour até ao lago Aral e mar Caspio, achando-se, portanto, situada entre 47° 80′ de longitude oriental e 37° 50′ de latitude septentrional.

Esse extenso territorio acha-se presentemente em parte dividido entre diversos povos independentes, governados por soberanos indigenas, e em parte occupado por differentes tribus nomadas. É no coração do *Turkestan* que vivem estas tribus errantes, chamadas *ousbecks-aralianos*, *turcomanos* e *kirghiz*.

Não trataremos agora da primeira d'estas tribus, porque não vem ao nosso proposito. Da segunda démos algumas noticias e uma gravura a pag. 60 e seguintes. A terceira, pois, fará o assumpto d'este artigo.

O nome de *kirghiz*, pelo qual é geralmente conhecida esta tribu, ou o de *kazaks*, que, segundo alguns geographos e viajantes conhecedores d'aquelle paiz, é o que mais exactamente lhe quadra; esse nome, repetimos, quer dizer *cavalleiro* na opinião de uns escriptores, e na de outros *guerreiro*. Seja, porém, qual for a mais exacta d'estas duas accepções, o que é certo é que ambas expressam uma idéa verdadeira em relação aos habitos da tribu que designam.

A tribu dos kirghiz é a mais numerosa das tres que vagueiam pelo Turkestan. Esta circumstancia e o seu espirito guerreiro tem-n'a levado a estender as suas excursões e o seu dominio além das fronteiras do Turkestan independente, de maneira que na actualidade occupa, além de uma porção d'este territorio, uma pequena parte do Turkestan chinez, alongando-se tambem pela Siberia até ás margens do rio Irtisch.

Os kirghiz tem a estatura mediana, olhos pequenos, mas de singular viveza, nariz achatado, boca pequena e orelhas grandes, com a tez entre branca e morena. São dotados de muita robustez e de extraordinaria agilidade, que lhes resultam não sómente da sua excellente organisação physica, mas tambem dos continuos exercicios do corpo a que são costumados desde a infancia.

As mulheres, em geral, tem feições mais regulares, ou pelo menos mais agradaveis, talvez pelo esmero que põem em se enfeitarem, pois que, não obstante as rudezas da vida errante, a vaidade é o seu principal defeito. São tambem robustas e ageis, e tão dadas aos exercicios que mais desenvolvem a energia e a força, que montam a cavallo com a mestria e vigor do mais perfeito cavalleiro. E tal é o seu animo varonil, que até chegam algumas vezes a acompanhar os homens nas expedições guerreiras, participando de todos os seus perigos com incrivel coragem, entrando em combate e manejando as armas com tanta destreza como valor.

Bellicosos por effeito da educação, indomaveis pelo orgulho e aspereza de caracter, ferozes em muitas occasiões pela dureza e selvageria da vida nomada, os kirghiz tem em grande desprezo as profissões de lavrador e pescador, julgando-as só proprias dos entes perseguidos pela miseria. Todavia, esta idéa falsa não lhes provém unicamente das causas que deixámos indicadas; tambem se deriva de uma prophecia, ou é por esta fortalecida e n'elles arraigada. Essa prophecia, passada de paes a filhos em devota crença, diz que os kirghiz perderão a liberdade, e arrastarão para sempre os ferros da escravidão, assim que edificarem casas para viver n'ellas e se entregarem aos trabalhos da agricultura.

D'est'arte, tem este povo limitada a sua industria a dois ramos apenas, que constituem para elle as unicas fontes da riqueza publica: a criação de gados e o commercio que estes lhe proporcionam. Assim, a necessidade de procurar novas ou melhores pastagens para os seus rebanhos é, como succede ás outras tribus nomadas, o que determina as suas viagens e mudanças de arrayal.

Posto que criem diversas especies de gado, são as ovelhas, os camelos e os cavallos que formam a maioria dos seus rebanhos. Fazem a permutação dos gados, ou dos seus despojos, principalmente lãs e pelles, com os russos nos mercados da Siberia, onde levam annualmente para cima de 150:000 ovelhas; e com as visinhas nações de raça musulmana na Boukharia e em Kiva, onde conduzem e vendem como escravos persas, turcomanos, e algumas vezes russos, que a

sorte da guerra entregou em seu poder, nas repetidas correrias que fazem nos territorios limitrophes.

Nos mercados russos, em troca dos gados, das lãs e pelles, recebem pannos e outras diversidades de manufacturas, utensilios domesticos, etc. Nos mercados musulmanos recebem camelos e outros animaes em troca dos escravos.

Os kirghiz estão divididos em tres hordas, denominadas *grande*, *pequena* e *média*. A primeira, composta de umas 360:000 almas, occupa a parte oriental da região designada no principio d'este artigo; a segunda demora na parte occidental, e a terceira na central, contando ambas obra de 300:000 individuos. Divide-se cada uma em duas classes: ricos (equivalentes de nobres), e pobres, que constituem o povo. São governadas estas hordas ou tribus por um chefe com o titulo de sultão. Não pagam especie alguma de tributo, excepto o de sangue, quando o reclama a causa publica, porque então todos os homens válidos são obrigados a empunhar as armas e seguir obedientemente o seu chefe. Consistem as armas em lanças, espadas e espingardas.

Como acontece entre todos os povos orientaes, os kirghiz professam o maior respeito para com os mortos, e deixam-se dominar pelas mais absurdas superstições. Honram a memoria dos defunctos fazendo-lhes os enterros com luctuosa solemnidade, levantando-lhes mausoléos, embora humildes e toscos, e, finalmente, escolhendo, em vez de templos, para as suas orações e praticas religiosas, estes pobres monumentos, em volta dos quaes se costumam reunir para enviar as preces ao idolo Khodja.

Quanto á superstição d'este povo, podem os nossos leitores ajuizar d'ella pelas particularidades que a tal respeito lhes vamos referir.

O paiz habitado pelos kirghiz é na maxima parte muito accidentado. Altas e fragosas montanhas, ora deixando abertos entre si estreitos e profundissimos abysmos eriçados de penhascos, ora debruando extensos valles; leitos pedregosos de vastos lagos que seccaram completamente; nos flancos das serras vastas cavernas, similhando longas galerias de abobada fabricadas pela mão do homem; e nos valles, erguendo-se aqui e alli, com sinistro aspecto, o vulto gigantesco de alguns rochedos de fórmas phantasticas, parecendo o resultado mais do esforço humano que do acaso; taes são as feições geologicas da referida parte do paiz, feições das mais proprias que a natureza póde crear para impressionar e fazer devanear um povo de imaginação ardente pela influencia do clima, e de pensamentos exaltados pelas aventuras e peripecias de uma vida errante.

D'est'arte, povoaram de espectros as cavernas; pozeram a passeiar através dos abysmos medonhos phantasmas; fizeram pairar noite e dia sobre os pincaros mais altos das serras, e por cima das penhas agudas que se elevam do fundo dos valles, espiritos maleficos, inimigos da humanidade.

Assim se converteram em objectos de terror para os kirghiz as curiosidades naturaes, que para nós outros seriam motivo de admiração e enlêvo. E não se contentaram em dar por companheiros d'essas curiosidades os genios do mal; attribuem tambem a origem d'ellas ao principe das trevas e aos seus satellites.

É crença viva e inabalavel entre os kirghiz, que foi Satanaz quem arremessou do alto das montanhas para o centro do estreito valle de Kora os cinco penedos colossaes, de dez a doze metros de altura cada um, e da fórma de obeliscos, que alli se levantam a poucos passos de distancia uns dos outros, dois perpendiculares e tres com alguma inclinação.

Dizem tambem que foi Satanaz quem seccou o lago do valle de Bascan, abrindo na terra a profundissima fenda por onde as suas aguas se sumiram nos abysmos insondaveis do globo.

Attribuem ao mesmo architecto o descommunal rochedo triangular que se vê em a nossa gravura, com uma elevação de 135 metros, o qual se ergue perto do leito d'aquelle extincto lago, tendo abertos nas suas tres faces tres arcos de 25 metros de largura cada um, com altura correspondente, o que dá a esta singularissima rocha a similhança de um arco triumphal despojado dos marmores e esculpturas que o guarneciam.

A vasta caverna subterranea, onde sussurra com pavoroso fragor a torrente que outr'ora alimentava o lago do valle de Bascan, chamam o palacio de Satanaz, crendo firmemente que esse horrivel antro é obra e morada do anjo que foi mordido no ceo pela ambição, e precipitado no inferno pela justiça de Deus.

Em fim, não ha n'aquelle paiz curiosidade alguma natural que não seja olhada e temida como obra do demonio, feita para lhe servir de pousada ou de escondrijo, de atalaia ou de fortaleza na guerra sem tregoas que move aos homens.

Pelo que deixâmos referido bem se póde julgar quantas lendas populares de casos sinistros, horriveis e phantasticos passarão entre os kirghiz de paes a filhos. Eis-aqui uma d'essas lendas, que dará, sem dúvida, a medida do estado de ignorancia e da superstição d'este povo:

«Era habitado o valle de Kora em tempos muito remotos por genios maleficos mui poderosos, que viviam continuamente em guerra com outros genios da mesma raça, que habitavam differentes regiões nas cordilheiras de Tarbagatai e de Barlouck, e no deserto de Gobi.

«N'essas luctas porfiosas, os genios de Kora, quando voltavam das suas emprezas e maleficios, encontravam seguro asilo no seu valle. Apenas ahi se recolhiam, collocavam sentinellas nos mais elevados pinaculos das montanhas visinhas, para que ellas os advertissem da aproximação do inimigo, e ao mesmo tempo illudissem este, attrahindo-o aos desfiladeiros mais estreitos e escabrosos d'aquellas serranias, onde era infallivelmente esmagado com os enormes penedos que do cimo dos montes sobre elle atiravam.

«Finalmente, tanto cresceram a audacia e a tyrannia dos genios de Kora, que se formou contra elles uma poderosa colligação, á frente da qual se poz o demonio, cedendo a instantes rogativas.

«Chegado o momento da lucta, os vigias do valle de Kora deram signal, segundo o costume, da apparição do inimigo, e logo trataram de o attrahir ao logar fatal, onde tinham acabado tristemente todas as expedições intentadas contra os genios de Kora. Porém d'esta vez, antes que o inimigo caísse na cilada que lhe estava preparada, assomaram nas alturas proximas outros dois exercitos alliados. Este movimento desconcertou por um pouco os defensores de Kora; mas, volvendo a si, souberam tirar animo e esforço da propria grandeza do perigo, oppondo a mais tenaz resistencia a tão innumeraveis e audaciosos invasores.

«Horroroso espectaculo se apresentou então á vista. Travou-se peleja com furia insana. De uma e outra parte faziam-se prodigios de valor e praticavam-se actos de força sobrenatural. O retinir das armas, o baque dos rochedos arrojados das cumiadas dos outeiros, a vozeria e juras dos combatentes, todo esse tumulto da guerra, augmentado ainda pelos echos da montanha e do valle, fazia pavoroso estrondo.

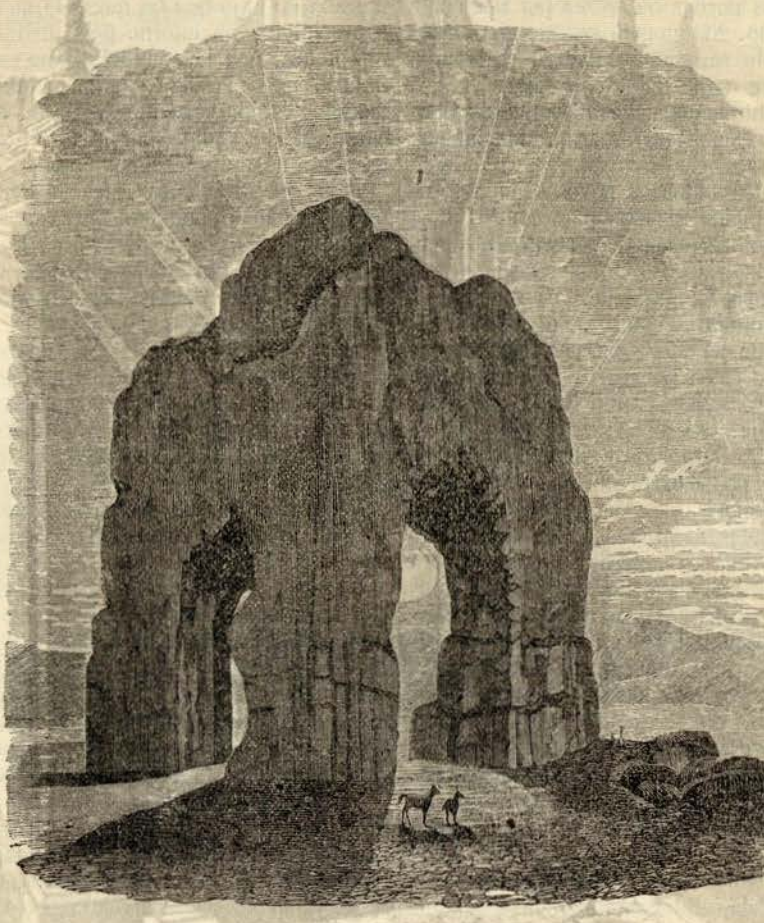
«A batalha foi longa e terrivel; mas, quando os genios de Kora iam alfim triumphar, ouviu-se um estranho arruido, depois um medonho estampido. Tremeu o solo; abalaram-se as serras; rompeu das entranhas da terra, e elevou-se até meio caminho do ceo, uma chamma crepitante envolta em nuvens de

espesso e negro fumo; brilhou na atmosphera o clarão do relampago, e o trovão ribombou sob a azulada abobada do firmamento.

«Este espantoso cataclismo era a artilheria do inferno, que vomitava pedras inflammadas e dizimava os defensores de Kora. Á vista de tão formidavel tempestade, os genios reconheceram n'ella o poder do principe das trevas. Aterrados então e descoroçoados, recuaram, abandonando os desfiladeiros que tantas vezes lhes deram a victoria, e lá se foram refugiar no valle, onde até alli ninguem tinha ousado penetrar. Porém d'esta vez os vencedores precipitaram-se no valle capitaneados por Satanaz, ao mesmo tempo que immensos penedos, rolando uns após outros do cimo da montanha, sepultavam debaixo dos seus fragmentos aquelles gigantes vencidos.

«No fim d'esta terrivel batalha os genios de Kora foram agrilhoados por longos seculos. E a historia de suas aventuras foi passando de geração em geração, contada com viva fé e ouvida com profundo recolhimento.

«Passado muito tempo, um chefe destemido aventurou-se a visitar o sinistro valle; e como se isto ainda fôra pouco para prova da sua ousadia, afoitou-se a vir alli habitar, não obstante as observações e conselhos dos seus parentes e amigos. Firme, pois, n'aquella resolução, um dia, seguido de grande numero de companheiros, atravessou as montanhas, desceu ao valle



Arco natural de granito, no valle de Bascan

de Kora e acampou sobre o solo fatal. Armaram-se as tendas, degolaram-se alguns animaes, e preparou-se o festim ao som dos louvores á coragem do aventuroso sultão, que assim ousára conduzir os seus subditos ao valle encantado. Porém no meio dos regozijos da festa rebentou um trovão, multiplicando-se por mil echos nos reconcavos do valle e nas quebradas dos montes. E de improviso apparece um genio de estatura gigantesca, de gesto enfurecido, e empunhando uma espada fulgurante.

«Ao seu aspecto todos sentiram um estremecimento de terror. —Monstro! exclamou elle dirigindo-se para o sultão com voz retumbante e medonha; ousaste conduzir os teus escravos para este logar sagrado: morrerás pois.— E a espada do genio, cortando com a velocidade do raio os enormes penhascos que estavam como pendurados do dorso dos montes, n'um relancear d'olhos sepultou aquelles miseros profanos debaixo da immensa massa de rochas que vinham rolando sobre elles umas após outras.

«Os poucos que presenciaram de longe esta horrorosa tragedia deitaram a fugir, e foram levar a triste noticia á familia do sultão e a toda a tribu. Choraram as mulheres amargamente esta grande desgraça, que tão doridas e inconsolaveis as deixou, que trajaram pesado lucto por longos annos. Houve, porém, um genio bemfazejo, chamado a *Dama Branca*, que teve piedade d'aquella dor tão pungente, e, graças á sua intercessão, pôde a tribu, em fim, erigir um mausoléo ao seu desditoso soberano no valle de Kora. Mas nenhum kirghiz se atreveu até hoje a levar os seus rebanhos a pastar n'aquelle valle funesto e lugubre.»

O mausoléo a que se sefere a lenda existe, com effeito, no valle de Kora, perto dos rochedos de fórma pyramidal de que fallámos acima. Aquelle funebre monumento revela muita antiguidade. É um montão de grandes pedras, circular e da feição de um zimborio, mas sem especie alguma de ornamentação. Tem uns 14 metros de diametro e quasi 10 de altura. Em volta do tumulo, a pouco mais de 3 metros de distancia d'elle, estão erguidas diversas pedras dispostas em circulo. Este tumulo é para os kirghiz objecto de tanto respeito e veneração, quanto o é de terror o valle em que elle se levanta.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio